

CBHE – 2013 – CUIABÁ - MT

Comunicação individual: Eixo 7/O Ensino de História da Educação

Imprensa de educação e ensino; ensino de história da educação; Revista do Ensino/RS.

LIÇÕES DO PASSADO PARA O PRESENTE:
A História da Educação na Revista do Ensino/RS (1951-1963)

Maria Helena Camara Bastos

PPGE-PUCRS

INTRODUÇÃO

Os impressos para formação do professor primário construíram um campo de conhecimento e deram uma *forma* às práticas docentes e à cultura escolar. (Vincent, 1980)

A *Revista do Ensino/RS*, como dispositivo de finalidades educativas, procurou ser um guia à *educadora jovem e idealista*, que encontra em suas páginas “a solução para resolver os árduos, porém sublimes, problemas do seu mister” e orientações/sugestões sobre como desempenhar suas funções. No período de 1951 a 1978¹ busca ser um instrumento técnico-pedagógico de atualização permanente dos professores em serviço e dos alunos das escolas normais, através da divulgação de experiências pedagógicas do ensino primário e pré-primário, da realidade da educação. A partir de 1971, com a reforma do ensino pela Lei n° 5692, amplia sua área de abrangência para outros níveis de ensino.

Com o apoio institucional da Secretaria de Educação e Cultura/RS, a *Revista do Ensino/RS*, em 11 de dezembro de 1956, passa a ser uma publicação oficial sob a supervisão técnica do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais - CPOE/RS (1943-1971). Divulga as orientações pedagógicas desse centro de pesquisa². Além das atividades didático-pedagógicas,

¹ Em seus vinte e seis anos, a revista publicou cento e setenta (170) números, com oito a dez números anuais, com uma média de 80 (oitenta) páginas de material informativo didático-pedagógico. Com tiragem inicial de 5.000 exemplares, atingiu a marca de 50.000 exemplares, no início da década de 60.

² O CPOE/RS, além de editar a *Revista do Ensino* para professores, publica a revista infantil *Cacique*, destinada aos alunos (BASTOS, 1994; 2006), e o *Boletim do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais*, publicado a cada dois anos, de 1947 a 1966, com as orientações, pesquisas, legislação, bibliografia, provas escolares. Sobre o CPOE/RS, ver PERES (2000); QUADROS (2007).

visava trazer textos mais teóricos de fundamentos da educação: psicologia, história da educação, sociologia, higiene, etc.³.

O presente estudo analisa os artigos publicados na seção História da Educação, como subsídio à formação das normalistas e/ou do professor em serviço. A análise focaliza o que é posto em circulação sobre História da Educação, quem escreve e com qual direção, as referências bibliográficas, as representações da história, educação e ideias pedagógicas. Assim, analisa a circulação e a apropriação, em âmbito regional, contribuindo para a difusão de uma gramática curricular para a disciplina na imprensa de educação e ensino, instância privilegiada de produção e de circulação dos saberes escolares, para a constituição da docência, a partir dos textos dados a ler (MOGARRO, 2007, p. 215)⁴.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA REVISTA DO ENSINO/RS (1951-1963)

As reformas educacionais, introduzidas a partir de 1930, incluíram a cadeira História da Educação nos planos das Escolas Normais⁵. Em 1946, a Lei Orgânica do Ensino Normal (Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946) estabelece a disciplina *História e Filosofia da Educação*, a ser ministrada na terceira série do curso⁶.

Desde o primeiro número da Revista do Ensino/RS, de setembro de 1951, encontram-se textos de História da Educação, totalizando vinte e seis (26), no período de 1951 a 1963, conforme quadro abaixo.

³ Cabe assinalar, que a maior parte dos artigos teóricos são de psicologia da educação. Sobre, ver MEURER (1996); LEMOS (2005); BUSNELLO (2004).

⁴ Inúmeros pesquisadores têm se debruçado sobre a história do ensino de História da Educação, ontem e hoje, privilegiando especialmente a análise dos programas e dos manuais adotados. Sobre, ver: GUIMARÃES, GATTI Jr. (2012); BASTOS (2011); CAVALCANTI (2011); GATTI Jr., MONARCHA, BASTOS (2009); BASTOS, MOGARRO (2007); GATTI Jr., PINTASSILGO (2006); LOPES, GALVÃO (2001); NUNES (1996; 1995), LOPES (1996). No tocante aos artigos de História da Educação, os periódicos de educação e ensino não têm sido objeto de estudo.

⁵ O Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet, em parecer sobre as Escolas Normais no Congresso de Instrução do Rio de Janeiro (1883-84), recomenda como disciplina do currículo de formação - *Pedagogia e metodologia geral: História da Pedagogia*. O primeiro autor de um manual de história para a escola normal pode ser considerado Antonio Marciano Pontes da Silva, que em 1881 escreveu um compêndio para os alunos, a partir do programa de 1869, que incluía conteúdos de história sagrada, antiga, média e moderna (VILLELA, 2000).

⁶ Art. 8º O curso de formação de professores primários se fará em três séries anuais, compreendendo, pelo menos, as seguintes disciplinas: Primeira série: Português; Matemática; Física e química; Anatomia e fisiologia humanas; Música e canto; Desenho e artes aplicadas; Educação física, recreação, e jogos. Segunda série: Biologia educacional; Psicologia educacional; Higiene e educação sanitária; Metodologia do ensino primário; Desenho e artes aplicadas; Música e canto; Educação física, recreação e jogos. Terceira série: Psicologia educacional; Sociologia educacional; **História e filosofia da educação**; Higiene e puericultura; Metodologia do ensino primário; Desenho e artes aplicadas; Música e canto; Prática do ensino; Educação física, recreação e jogos. (Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946).

http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443_publicacaooriginal-1-pe.html

Quadro1. Artigos de História da Educação na Revista do Ensino/RS (1951-1963)

Mês/ano	Número	Página	Título	Autor
Set.1951	1	43	Sócrates	Edith Bueno Romero
Out. 1951	2	44	Platão	Edith Bueno Romero
Nov.1951	3	52	Aristóteles	Edith Bueno Romero
Mar. 1952	4	47	Educação Romana	Edith Bueno Romero
Abr.1952	5	34	Educação e organização escolar na época de Cícero	Edith Bueno Romero
Mai.1952	6	13	O Cristianismo e a Educação Medieval	Edith Bueno Romero
Jun.1952	7	45	Educação Apostólica	Edith Bueno Romero
Ago. 1952	8	46-54	Educação Patrística	Edith Bueno Romero
Set. 1952	9	65-11	Santo Agostinho	Edith Bueno Romero
Out. 1952	10	46	Escolas Monásticas, Educadores	Edith Bueno Romero
Nov. 1952	11	41	Santo Agostinho	Edith Bueno Romero
Mar. 1953	12	41-46	A Escolástica e a Educação	Edith Bueno Romero
Mar. 1953	12	56-58	Educação Brasileira	Silvia Filipozi Lafin
Ago. 1953	16	51-52	Primeiros Educadores do Brasil: verdadeiros “heróis cuja memória nos prostamos reverentes”.	M. Silvia Filipozi Lafin
Ago. 1953	16	59	Tomás de Aquino – “O Anjo das escolas”.	Edith Bueno Romero
Out. 1953	18	46	Educadores Renascentistas	Edith Bueno Romero
Out. 1953	18	70	O presente, o passado e o futuro na educação	Jandira Cardias Szechir
Nov. 1953	19	68	Desidério Erasmo	Edith Bueno Romero
Abr. 1954	21	31	Educadores da Reforma	Edith Bueno Romero
Mai. 1954	22	53-71	São João Batista de la Salle	Edith Bueno Romero
Jun.1954	23	67-53	A Companhia de Jesus	Edith Bueno Romero
Set. 1954	25	62-64	João Amos Comênius	Edith Bueno Romero
Out. 1954	26	20-23	Um programa de História da Educação	M. Silvia Filipozi Lafin
Nov. 1955	35	42-43-71	História da Educação: Prova	M. Silvia Filipozi Lafin
Nov. 1957	46	22-25	Roteiro para a coleta de dados sobre fontes para o estudo da História da Educação no Brasil	Serviço de Bibliografia do INEP
Mar.1963	90	50-54 76	Anchieta; figura que definiu a influência do jesuíta na vida brasileira	M. Aparecida Grendene

Desse conjunto, somente um artigo se refere à história da educação no Brasil. A maioria, dezenove (19), é escrita pela professora Edith Bueno Romero, que atuava em Grupos Escolares de Porto Alegre⁷. Quatro artigos são de Maria Silvia Filippozzi Lafin (1905-1976)⁸, professora

⁷ Somente no décimo sétimo artigo (maio de 1954) há a identificação institucional da autora: professora do Grupo escolar Ignácio Montanha de Porto Alegre/RS. Em setembro de 1954 consta outra vinculação: Grupo escolar Ceará. Até o momento, não foi possível obter dados biográficos da autora.

⁸ A professora Marina Silvia Filippozzi Lafin consta na revista como Maria ou somente Silvia, fato referido na biografia, escrita por seu filho Silvio Lafin (2004). Relata também que “se formou com distinção no Curso Complementar da Escola Normal General Flores da Cunha no ano de 1925. Ingressou no Serviço Público em 1926, sendo a primeira mulher no grupo familiar a exercer profissão fora do lar, o que marcou uma vida de pioneirismo. Ingressou no Instituto de Educação em 1937. Pouco tempo depois foi convidada pela Professora Florinda Tubino Sampaio para substituí-la na cadeira de História da Educação, no Curso de Aperfeiçoamento. Somente em 1945, passou à regência da Cadeira de História da Educação no Curso de Formação de Professores Primários como substituta da Professora Olga Acauan Gayer, catedrática da disciplina. Aposentou-se em 1959, com 35 anos de magistério como Regente da Cadeira de História da Educação, padrão XII, do Instituto de Educação (Adjunta Efetiva).

da disciplina no Instituto de Educação Gen. Flores da Cunha. Dois artigos são escritos por professoras da equipe de redação do periódico: Jandira Cardias Szechir, Maria Aparecida Grendene.

O artigo “Roteiro para a coleta de dados sobre fontes para o estudo da História da Educação no Brasil” (nov. 1957, p. 22-26) é do Serviço de Bibliografia do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos/INEP⁹, que traz informações sobre normas para referências bibliográficas de livros, periódicos, documentos; instruções sobre como preencher as fichas com resumos analíticos; uma bibliografia sumária de História da Educação no Brasil, com apenas obras gerais e de legislação do ensino¹⁰, visando servir de ponto de apoio para os pesquisadores.

O artigo “O presente, o passado e o futuro da educação”, da orientadora da educação primária Jandira Cardias Szechir (out. 1953, p.70), evidencia uma visão tradicional, linear, evolucionista e mecânica de sociedade e da história da educação.

Através do estudo dessas várias etapas na evolução histórica da pedagogia, vemos que tudo que possuímos em educação, veio-nos do passado. É um legado precioso, fruto de um trabalho contínuo de sucessivas gerações. Assim, avaliamos a importância do ensino do passado para a compreensão do presente. A educação do presente é reflexo da educação do passado. (SZECHIR, out. 1953, p.70)

Nóvoa (1994, p.28) coloca que a disciplina, até os anos 1960, organiza-se como uma reflexão essencialmente *filosófica*, baseada na evocação das ideias dos grandes educadores, desde a Antiguidade ao período contemporâneo (século XIX). Através da glorificação do passado, descreve-se a evolução educativa como uma marcha do progresso, com o objetivo de tirar do passado o máximo de lições para o presente; com forte tendência a uma perspectiva progressista e romântica da história da educação. A seção “História da Educação” da *Revista do Ensino/RS* também traz essa perspectiva.

A seção destaca-se pelo logotipo que a apresenta, com a Rosa dos Ventos e um livro aberto, uma forma de sinalizar que os artigos a serem lidos darão um sentido, norte, para a professora e a normalista.

⁹ O INEP, desde sua fundação em 1937, teve como preocupação o levantamento de fontes e bibliografias para a história da educação no Brasil. Com a missão de divulgar trabalhos e organizar a documentação relativa à história e ao estado atual das doutrinas e técnicas pedagógicas, publica vários estudos e pesquisas, conforme podemos constatar pela seção *Documentação Histórica* da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, na década de 1940 e 1950.

¹⁰ São indicadas 48 obras, as quais merecem uma análise mais detalhada, o que não cabe no presente texto.



No primeiro artigo publicado, “História da Educação - Sócrates” (n.1, set.1951, p.43), a professora Edith Bueno Romero apresenta os objetivos da seção

(...) apresentar, em traços rápidos, o perfil psicológico e a obra dos grandes mestres da Educação. Para isso, necessário se faz situá-los na época em que viveram; penetrar nos postulados das escolas filosóficas vigentes, a fim de conhecer as diferentes concepções pedagógicas que os animavam. E a Grécia, berço da Filosofia, é o motivo para o nosso primeiro quadro.

A centralidade nos “mestres da Educação”, exemplos de “virtude e piedade”¹¹, é justificada pela autora, pois o estudo dessas biografias pode ser imitado por qualquer um de “boa vontade” (mar. 1952, p.47). Em outra passagem, quando apresenta Santo Agostinho, assinala “procurar retratar o perfil psicológico de eminente vulto, é penetrar ora por veredas sombrias, ora pontilhadas de luz; é ver ocasos e poentes, tal a mutabilidade irrequieta de sua paisagem interior” (set. 1952, p.65).

A disciplina nasce com a marca da hagiografia, biografia ou estudo dos santos e apóstolos¹², considerados educadores pela Igreja Católica. Inicia com a figura do mestre Jesus Cristo, como vida exemplar, o que perpassa uma intenção missionária do fazer docente, tanto na dimensão de grandiosidade (desapego de valores terrenos) quanto na de abnegação estoica¹³.

¹¹ Virtudes são disposições constantes do espírito – devoção, humildade, doçura, constância, paciência, sabedoria, gravidade, silêncio, prudência, discrição, zelo, generosidade e de bom exemplo -, enquanto que qualidades são propriedades ou atributos pela pessoa adquiridos. Para ser um bom professor/a de escola eram necessárias duas qualidades: vigilância e firmeza; e doze virtudes (Lopes, 2003, p. 70).

¹² Dilthey considerava a biografia como o meio privilegiado de alcançar o universal. “A história universal é a biografia, podemos dizer quase a autobiografia da humanidade” (DOSSE, 2005, p.8).

¹³ A Revista do Ensino/RS (1951-1978) utilizou como uma prática constante a publicação de “Credos”, com forte identificação religiosa, visto que funcionam como *guias* para os comportamentos que devem ser cumpridos acima de tudo, caso contrário, haveria sanções ao praticante (BASTOS, 1998, p.141).

Exemplificando, são sugestivas as palavras de Leão XIII, na Bula de Canonização de La Salle¹⁴ – “Vós todos, que dignamente levais o título sagrado de mestres, tendes, pois, um modelo cujas virtudes vos esforçareis por imitar no vosso ministério, e que podeis invocar como intercessor junto de Deus” (apud JUSTO, 1991, p.53).

A seção ocupa em média uma a duas páginas do periódico e é sua responsabilidade de setembro de 1951 a setembro de 1954. Desenvolve um verdadeiro programa da disciplina, incidindo sobre a evolução das ideias pedagógicas, com ênfase nos principais representantes de cada período, levando à compreensão do “passado pelo passado”. Centra-se na história da educação ocidental, em uma visão eurocêntrica. A ideia de história, educação e pedagogia perpassada evidenciam uma visão tradicional e evolucionista de sociedade. O programa desenvolvido está organizado segundo uma *perspectiva cronológica*; uma *lógica descritiva* e/ou interpretativa das ideias, fatos educativos, projetos, da antiguidade clássica, medieval, renascença até os tempos modernos (NÓVOA, 1996).

Em apenas três artigos, a autora indica a bibliografia de apoio. Podemos pensar que essas obras foram base para a escrita dos demais textos. Utiliza, principalmente, manuais de História da Educação em circulação no Brasil, desde a década de 1920: Afrânio Peixoto¹⁵; Paul Monroe¹⁶; Ruy Aires Bello¹⁷, Ernesto Codignola¹⁸. Além desses, cita o Dicionário Enciclopédico Labor; Introduction General a la Filosofia, de Jacques Maritain. Mas ao longo da leitura dos textos, encontram-se citações de outros autores, não referenciados: Alceu Amoroso Lima, para falar sobre Cristianismo e Educação (mai. 1952, p.13);

Edith Bueno Romero aborda, insistentemente, a relação das ideias dos pensadores como defensores ou já praticantes dos princípios da escola nova. Por exemplo, assinala que Sócrates foi estimulador da prática da escola ativa, pois “ajudava o aluno a revelar-se, com um profundo respeito à sua personalidade”. Em uma época de divulgação e incentivo à adoção dos

¹⁴ No ano de 1900, o Pontífice Leão XIII (1810-1903) beatificou, canonizou e propôs que a sua vida fosse paradigma aos que “levam o sagrado título de mestres”. Sobre, ver JUSTO (1951).

¹⁵ Júlio Afrânio Peixoto. *Noções de História da Educação* (Cia. Editora Nacional, 1933; (1936, 2ª edição; 1942, 3ª edição).

¹⁶ Sobre, ver SILVA & GONDRA (2011).

¹⁷ Ruy de Ayres BELLO. *Esboço de História da Educação* (Editora Nacional, 1945, 253 p.). O autor foi professor catedrático de Filosofia e História da Educação da Universidade do Recife, da Universidade Católica de Pernambuco e do Instituto de Educação de Pernambuco.

¹⁸ Na realidade, o livro do padre Ernesto Codignola (1885-1965) é uma tradução para o italiano da obra de Paul Monroe, acrescida de capítulos sobre a educação na Itália (La Nostra Scuola. Breve corso di storia dell'educazione/três volumes, 1930). Há uma tradução editada na Argentina: Historia de la Educación y de la Pedagogia (Buenos Aires: El Ateneo, 1969).

pressupostos do escolanovismo, especialmente pelo periódico¹⁹, apoiar-se em um pensador como Sócrates, representante “do berço da Filosofia”, qualifica a proposta de escola ativa.

Mantendo essa estratégia discursiva, a autora, ao apresentar Platão, também destaca que, a exemplo de Sócrates, “não transmite conhecimentos, mas procura despertar as aptidões” (out. 1951, p.44). No texto sobre Aristóteles, assinala várias aproximações do seu pensamento com o escolanovismo: “o ensino de coisas úteis, porque estas encerram a par da utilidade, motivos para aquisição de novos conhecimentos; o método é objetivo e com bases científicas, parte do concreto para o abstrato, do simples para o complexo” (nov.1951, p.47). Na Educação Romana, vai buscar outro exemplo de aproximação, ao citar Quintiliano, que preconizava um “ensino indireto e intuitivo”; que o professor deveria conhecer, antes de tudo, a natureza do educando (abr.1952, p.34). O “curso” termina com Comenius (set. 1954, p.62-4), texto mais extenso de toda a coletânea (três páginas), em que destaca a obra “Didática Magna”, por encerrar ideias, princípios e planos modernos para a educação²⁰. Ao atualizar as contribuições dos pensadores de diferentes momentos históricos, em uma relação direta, a autora desconsidera a distância temporal e espacial, as diferenças epistemológicas de compreensão de mundo e de conhecimento dos antigos para a modernidade.

O artigo sobre São João Batista de la Salle (mai. 1954, p. 53) merece uma atenção especial, quando analisamos o contexto da educação do Rio Grande do Sul, nos anos 1950. Em janeiro de 1954, o Estatuto do Magistério Público do Rio Grande do Sul (lei nº2338, de 25 de janeiro de 1954), estabelece a escolha de um patrono (artigo 184), através de um nome que constituísse “exemplo edificante para todo aquele que desempenha a elevada missão de educar”²¹. Imediatamente, organiza-se um Comitê Pró La Salle, que procura orientar a escolha, já que o mesmo era o “Padroeiro Universal dos Professores”, por declaração do Papa Pio XII, em 1950.

A correspondência enviada às Delegacias de Ensino da Secretaria de Educação e Cultura/RS, datada de 16 de outubro de 1958, dá início ao processo de escolha do patrono, através de votação individual, informando que o “Comitê La Salle” já tinha a preferência dos professores, direcionando a escolha. Participaram da consulta quase 10.000 professores, sendo eleito La Salle com 9.311 votos²². O decreto nº 9872, de 22 de dezembro de 1958, declara-o

¹⁹ Sobre, ver BASTOS (2005).

²⁰ Reproduz os trinta e três pontos que Paul Monroe apresenta como resumo de Comenius.

²¹ Sobre, ver BASTOS & ERMEL (2006).

²² Os demais votados são: Dom Bosco (41 votos); Santo Tomás de Aquino (10 votos); José de Anchieta (21 votos); Padre Roque Gonzáles (2 votos); Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha (12 votos); Machado de Assis (17 votos); Castro Alves (2 votos); Emílio Meyer (4 votos). Constata-se número expressivo de nomes vinculados à Igreja Católica. Somente dois são representativos do magistério rio-grandense – Henrique Emílio Meyer (1856-1939) e

oficialmente patrono do magistério público do Estado do Rio Grande do Sul. O CPOE/RS passa a recomendar aos professores a “apreciação da vida e da obra do eminente educador, modelo de idealismo, elevada vocação para o magistério, paradigma de amor e respeito ao educando, na sua preocupação constante pelo aprimoramento dos métodos e processos educacionais” (QUADROS, 2006, p.261).

Os artigos de Silvia Filippozzi Lafin diferem dos de Edith Bueno Romero. Como professora de História da Educação do Instituto de Educação General Flores da Cunha, de 1945 a 1959, quando escreve quatro artigos que apresentam as atividades da “Cadeira História da Educação no 3º ano do Curso de Formação de Professores Primários”, por solicitação do CPOE/RS²³. Em 1953, a título de experiência, o programa de sua disciplina é enviado para várias escolas normais do Rio Grande do Sul. Muitas professoras solicitaram-lhe referências bibliográficas e sugestões para o desenvolvimento das unidades. Dessa forma, a publicação dos artigos procura atender essas solicitações.

Em outubro de 1954, publica os programas que adotou nos anos 1950, 1951, 1952 e 1953, os quais, partindo do mais próximo para o mais distante, estudam:

- a) A educação Brasileira em seu aspecto atual;
- b) Educação Brasileira: origem e fins; Educando e Educador;
- c) Contribuição remota para a educação brasileira: educação oriental, grega, romana e medieval;
- d) Influências diversas para a educação brasileira: correntes filosóficas atuais, origem e fins; Escola tradicional e escola Nova;
- e) Situação ideal da educação brasileira. Democracia e Educação;
- f) Grandes vultos da Educação.

A partir desse *programa mínimo*, passa a demonstrar que é possível dar-lhe a elasticidade necessária, de acordo com o tempo. Com base em Jônatas Serrano, na obra “Como se ensina História” (1935), destaca a importância da História, pois ensiná-la “aereamente, sem integrá-la no conjunto vital dos nossos interesses, é um pedado pedagógico”. Caracteriza a disciplina História da Educação como muito ampla e destaca,

Liberato Salzano Vieira da Cunha (1955 -1957). Cabe também registrar a presença de dois nomes da literatura brasileira - Machado de Assis e Castro Alves.

²³Silvio Lafin (2004, p.174), filho de Silvia, comenta que a “mãe desenvolveu uma metodologia própria e criativa, apresentada em trabalho publicado na Revista do Ensino e que produziu como resultado uma tentativa de publicação de um livro. Infelizmente, não chegou a se transformar em realidade. Seu método no ensino de História da Educação era bastante atraente para os alunos, pois partia do fato mais significativo do cotidiano da cidade de Porto Alegre para retornar na História até as origens da educação. Lembro-me de dois fatos que ela comentou em família e que serviram para o estudo de disciplina. Foram eles: chegada dos Jangadeiros a Porto Alegre, jangada que se encontra no Museu Julio de Castilhos, e a Conquista do Pan-americano pela Seleção Gaúcha de Futebol, fato que empolgou os gaúchos de então. Tais fatos tinham um sabor motivacional para os alunos, talvez, sem precedentes em sua história educacional”.

se quisermos compreender nossa época, os homens de hoje e suas obras, se quisermos uma melhor visão do mundo atual, nos seus abismos e relevos, é preciso remontar ao passado através da História da Educação; só assim encontraremos o porquê de muitos problemas que agitam o nosso panorama atual. (out. 1954, p.20)

Os objetivos que preconiza para a disciplina são:

- a) alertar as alunas para a compreensão dos problemas de ambiente e da Educação em geral, a fim de fazê-las agir mais eficazmente em prol de um melhor nível de vida e de Educação;
- b) alertar as alunas, com muitos exemplos de desastrosas consequências na História, para que lutem “contra as violações flagrantes dos princípios eternos de respeito à dignidade humana” (Gabriel Marcel);
- c) Fundamentar a educação atual.

A seguir, para cada ano, destaca a *motivação* e o *desenvolvimento* do programa, que segue a cronologia dos eventos políticos e os grandes vultos da educação, com ênfase nas ideias pedagógicas. As motivações variam e vinculam-se ao momento histórico: palestras sobre educação; conferência sobre arte grega; a visita do filósofo francês Gabriel Marcel e os debates sobre o Divórcio, que motivaram o estudo de várias correntes filosóficas e suas ressonâncias na educação; os relatórios das alunas da excursão ao Rio de Janeiro, nas férias de julho (1951); a visita dos padres Lombardi e Rottondi; os jangadeiros; a morte de Stalim, educação brasileira e educação russa, seu ideal filosófico (1953).

O artigo ainda indica diretrizes para o professor “de modo a tornar mais eficiente o desenvolvimento do trabalho”. Nessa parte, a professora faz a defesa dos princípios da Escola Nova:

- atualização constante, através de leitura de revistas especializadas e de obras recentes; “não deverá ser um pontífice infalível, mas um cicerone bem informado”;
- ensino ativo, com a participação dos alunos, através de pesquisa, “adestrando-os na crítica imparcial, sem cujo emprego não existe verdadeira história”;
- estimular a curiosidade sadia do aluno,
- o professor deve ser claro, elegante, sem pedantismo, nem tom oratório, afável, cordial, benevolente, sem condescendências injustas, nem fraquezas que perturbem a disciplina espontânea da classe; deve aliar à facilidade de expressão o senso exato de dosagem, da graduação no que diz respeito à receptividade do aluno.

Para desenvolver eficientemente o programa, sugere ainda diferentes recursos didáticos: exposição oral dosada, recortes de jornais e revistas, quadros históricos, retratos, confecção de álbuns, redação de pequenas monografias ilustradas, visitas (exposições, pinacotecas, bibliotecas, arquivos, institutos históricos, monumentos, excursões, etc.), filmes. Além disso, enfatiza a importância de tarefas/temas de casa, com problemas ou questões a serem respondidas com consulta a compêndios ou outras fontes de informação (jornais, revistas). Tudo isso, visando

“desenvolver a iniciativa pessoal dos alunos”, que trará, segundo a professora, “a alegria que provirá de um trabalho assim executado”.

O artigo “Educação Brasileira” também relata as atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 1952, com o plano, a avaliação parcial e a prova da aluna Maria Leocadia Monteiro. O objetivo da unidade foi “alertar as alunas para o conhecimento e compreensão dos problemas do ambiente e do povo brasileiro em geral, da educação e suas influências, para fazê-las agir mais eficazmente em prol de um melhor nível de vida e de educação” (mar. 1953, p.56). Para isso, trouxe um grupo de “jangadeiros”, para que as alunas percebessem suas dificuldades de vida e, especialmente, a falta de escolas para seus filhos. A partir dessa motivação, foi proposto um estudo da “influência que a viagem dos jangadeiros teria exercido no meio educacional brasileiro”, um estudo da região nordeste e seu aspecto educacional e de outras regiões do Brasil. Sugere que os seguintes conteúdos sejam abordados: Renascimento, Reforma e Contra Reforma na Europa e suas consequências para a educação, por ser esse momento de inserção do Brasil no panorama mundial; aspectos geográficos, históricos e sociais das diversas regiões do Brasil e sua ressonância na educação; a criança brasileira e o meio educacional; a educação no Brasil Colônia, Monarquia e República; a reforma educacional, traduzindo o espírito da época e dando à escola primária uma feição modernizada; pensadores brasileiros. A atividade prática foi desenvolvida a partir do:

estudo de uma região, sendo depois trocadas as pesquisas feitas [em cada turma], o que se realizou por meio de leituras, debates, levantamento de problemas, questionários, etc. Cada aluna também organizou seu arquivo, com o próprio trabalho e a respectiva bibliografia, bem como documentação de gravuras e artigos retirados de jornais e revistas.

A professora também estimula a normalista a produzir material didático para, futuramente, utilizar em suas atividades docentes na escola primária.

A prova parcial, aplicada em junho, constou de duas questões. A primeira solicita que a aluna analise, como educadora, um trecho de Vianna Moog²⁴, comentando-o à luz dos estudos e pesquisas feitas em História da Educação. O excerto conclui - “Trago, por isso, revigorada a minha crença no nosso futuro”, e a professora introduz outras perguntas na mesma questão: “E crê você também no nosso futuro? Em caso positivo, em que fundamenta sua crença? Justifique”. A prova de Maria Leocádia permite analisar a argumentação que desenvolveu, com um olhar romântico de exaltação do país e de esperança no progresso:

²⁴ Clodomir Viana Moog (São Leopoldo, 28 de outubro de 1906 — Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1988) foi advogado, jornalista, romancista e ensaísta brasileiro. Autor das obras: *Um rio imita o Reno* (1938); *O ciclo do ouro negro* (1936); *Novas cartas persas* (1937); *Uma interpretação da literatura brasileira* (1942); *Bandeirantes e pioneiros, paralelo entre duas culturas* (1954); *Católicos: causas do subdesenvolvimento latinoamericano* (1971). Sobre o autor, ver: MOREIRA (2011).

Realmente, Viana Moog viu o Brasil com os olhos de um inteligente observador, com o coração impregnado de amor por essa terra tão bela quando a nossa....

(...) Quem vê o Brasil como Viana Moog viu, só pode pensar no progresso e na realização de nossos sonhos não é nada impossível. Muito pelo contrário, pelo que se tem realizado, podemos concluir, com certeza, que o porvir apresentará dias de grandeza para nossa terra.

(...) *Finalmente, como futura educadora, considero pelo retrato do Brasil, como algo possível de belos retoques e coloridos; como algo que a educação conseguirá realizar*, mediante amor à causa, mediante esforço e responsabilidade de cada brasileiro e de todos em conjunto, sem distinção de regiões e de classes, trabalhando todos com o mesmo fim, isto é, por um Brasil mais forte, mais unido, mais feliz! Eis tudo! Podemos então dizer: Este é o Brasil de nossos sonhos!

A segunda questão apresenta quatro itens para escolher e comentar. A aluna escolhe abordar o gaúcho e sua característica de amor à liberdade, com a seguinte questão: “Para quem vai educar, não será importante conhecer e amar esta característica de nossa gente, este tom marcante que distingue o filho altivo dos pampas?”.

Acho importantíssima esta característica de nossa gente para quem vai educar. Parece mesmo que todo o trabalho educativo baseia-se no conhecimento do material humano que se tem em frente. Sim, porque educação supõe também amor, e como se há de amar sem conhecer? E como educar sem conhecer? Amar? Não é possível; educação abrange tudo isso: conhecimento, amor, compreensão, justiça...

Assim sendo, se quisermos educar nosso povo, precisamos conhecer suas características, sua história, sua vida e suas tradições. Eis a grande importância de nosso estudo dentro da cadeira de História da Educação: procurar, pelo conhecimento e compreensão dos problemas de ambiente e do povo, da educação e das suas influências, agir eficazmente, em prol de um melhor nível de vida e educação.

(...) Como vemos, devemos não só conhecer e amar, mas até estimular esse amor à liberdade, pois é ele que tem distinguido o gaúcho em todo seu passado e presente de glória.

Outra contribuição, intitulada “Primeiros Educadores do Brasil: verdadeiros “heróis a cuja memória nos prostamos reverentes”, traz a atividade desenvolvida na disciplina, em 1950, por ocasião da Semana da Pátria. A partir da explanação sobre “o verdadeiro sentido de patriotismo e as desvantagens do nacionalismo na educação” e as palavras de Tristão de Ataíde - “a religião da pátria é um erro, só existe uma religião: a de Deus”, a professora solicita:

Comente, como educadora, o seguinte trecho do discurso pronunciado por S. Excia. o Dr. Ildo Meneghetti, D.D. Prefeito de Porto Alegre, na noite de 31 de agosto para 1º de setembro na pira da Pátria. “(...) Que os brasileiros de todos os recantos entregues e devotados à grandeza e felicidade da Nação continuem firmes e decididos a estreitar os laços de fraternidade e de solidariedade entre si, sem os quais não será possível a sobrevivência dos bens preciosos de independência, de liberdade e igualdade conquistados com o sacrifício dos nossos *heróis a cuja memória nos prostamos reverentes*”. (ago. 1953, p.51)

Para ilustrar o artigo, seleciona a resposta de um grupo de alunas, cuja resposta genérica esta impregnada de patriotismo, religiosidade e exaltação do país:

Oxalá que as gerações novas de nossa terra, bafejadas pela inspiração de nossos mestres e nossos pais, possam compreender que ser patriota é viver de tal maneira, que cada dia de nossa vida traga um marco de progresso e de realização fecunda para o Brasil, que, em algum dia, poderá ser realmente o coração do mundo e a Pátria do Evangelho. (...) cada brasileiro será grande, cada brasileiro será um herói. (ago. 1953, p.51)

É a professora que destaca os *heróis* no artigo: “os grandes construtores da nossa nacionalidade, os primeiros educadores de nossa Pátria, os Jesuítas. (...) que deveriam servir de exemplo a todo professor brasileiro”. Disserta sobre a ordem religiosa no Brasil, apoiando sua argumentação em Joaquim Nabuco, Pedro Calmon, Afrânio Peixoto. Enfatiza a importância da fé como elemento agregador do país:

Eles têm recebido a admiração de todos os gênios e os insultos de todos os ignorantes, mas a eles devemos muito, senão tudo, pois quem não poderá afirmar que, sem o amplexo da fé a unir-nos, desde os primórdios de nossa civilização, não seríamos hoje uma série de pequenos países a digladiarem-se e a confundirem-se na imensidade da América? (ago. 1953, p.52)

A última contribuição de Silvia Lafin é a transcrição da prova final aplicada em 1954. Inicia com uma mensagem de adeus, exortando as alunas à sua missão: “intuir a beleza do ser em formação que a ti será confiado, valorizar todas as tendências do outro! (...) A Educação deve ser construtora de templos divinos, porque o homem, dizia Platão, é um acorde; a um toque, esse homem vibra, traduz, apreende...”. Diante dessas palavras, a aluna expressa que sua responsabilidade é muito grande e que “**educar é cooperar numa obra divina (Conceito)**” (Nov.1955, p.43 e 73).

Minha doce amiga!

Mais alguns dias e será a despedida...

E uma despedida deve deixar para quem parte, ou para quem fica, algo que lembre a convivência e que recorde sempre. Será assim com a História da Educação?

1. Foi ela apenas uma das matérias do 3º ano ou foi formação e bom propósito de tua parte?
2. Aprendeste com ela o passado apenas como uma época ancestral, ou como um conjunto de realizações e ideais que serviram de base ao nosso patrimônio atual?
3. Encaraste a História da Educação apenas como um conjunto de fatos cronológicos ou adquiriste, na análise de seus fatos, um espírito de crítica construtiva que enriqueceu teu patrimônio cultural?
4. Verificaste, como diz Adams, que as diversas teorias nas quais se baseiam os sistemas não se sucedem numa ordem cronológica regular? Um corte longitudinal na história da teoria educativa, desde os tempos primitivos até nossos dias, nos leva a ver que a maior parte das teorias atualmente em voga já foram defendidas ou tentadas em diferentes épocas. Todas estão mais ou menos implícitas em etapas anteriores e se fazem explícitas mais tarde em novas fases do

desenvolvimento. Atingem seu apogeu em dado momento histórico, apresentadas por algum pensador ou grupo de pensadores...

5. Assim sendo, que observaste através da História quanto ao conceito de Educar? Lembras-te de conceitos de alguns educadores? Quais os que te impressionaram mais vivamente?
6. Observaste quais os ideais que impulsionaram a Educação, fazendo-a tomar características próprias como pagã, cristã, naturalista, socialista, democrática, etc.?
7. E por esse motivo, não é verdade que a Educação depende da Filosofia que a orienta e que os problemas de educação, antes de tudo, são problemas filosóficos, porque o valor da nossa doutrina da educação depende do valor da nossa concepção do homem e da vida?

O exame da aluna Lêda Clementina Lucca é o exemplo transcrito, em "cujo trabalho podem ser destacados, perfeitamente, 24 itens estudados durante o ano escolar" (nov. 1953, p.42), os quais foram numerados e assinalados em negrito pela professora. Informa, ainda, que a prova foi depositada junto à secretaria da Escola, como relação do programa anual. Como no curso de Edith Bueno, a vinculação histórica do passado com os princípios da escola ativa/escola também está presente.

PROVA FINAL DA ALUNA LEDA CLEMENTINA LUCCA

Nota: O grifo e a numeração foram feitos pela professora

Acompanhaste-me, professora amiga, na minha longa caminhada, orientando-me para que eu pudesse ver melhor a 1) vida, a filosofia, a educação, de muitos povos que nos ficaram atrás no tempo.

Pude ver os 2) povos do Oriente, através do seu sistema religioso Vi a 3) Grécia, sempre preocupada com a Beleza, aconselhando muito acertadamente: "Ginástica para o corpo e música para a alma". E, nessa Grécia, o grande Sócrates, fazendo com que "se pensasse com a própria cabeça" e lançando a sentença suprema: "Conhece-te".

Vi Platão com seu sistema de idéias, falando num ser superior, dando a entender a existência de algo maior, mais perfeito que os deuses gregos.

Vi 4) Roma, soberana pela força, mas escrava pelo espírito, bebendo cultura na fonte límpida do povo que era seu sítio. E depois... a invasão dos bárbaros! a confusão! E Roma sucumbida quase totalmente, se não fosse aquele 5) Homem humilde que pregava junto com seus discípulos o amor, a caridade, e que se servia da Educação para levar os homens a Deus, de quem estavam tão afastados...

Pude maravilhar-me com aquele grande homem, 6) Carlos Magno, que foi um verdadeiro "político de educação", organizando em seu Império a unidade de espírito, dando um grande impulso à obra de educação e cultura.

Depois... no século XIII encontrei um maravilhoso 7) Tomás de Aquino, com seus pensamentos sobre a educação, como processo ativo e integral, procurando elevar o homem acima do que é passageiro e fútil.

Chegando ao século XVI, pude notar que a I. Média não foi como muitos a chamavam "Noite Escura", "Noite Milenar", mas um período radioso, em que se desenvolveu a cultura clássica e que acusa uns quantos renascimentos que precederam o do século XVI.

8) No Renascimento, encontrei um Vives, um Vitorino de Feltri, com suas idéias pedagógicas tão atuais, procurando estimular a atividade criadora da criança, dando valor à educação física, à formação integral do indivíduo e tornando mais eficiente o ensino com sua "Escola Alegre"; Lutero, com o seu movimento reformista, aconselhando o livre exame e frisando a necessidade de cada um ler

a Bíblia. Com isso, tinham de aprender a ler, mas a liberdade excessiva de leitura não foi um fator positivo sob o ponto de vista ideológico; o decorrer do tempo já o tem demonstrado...

Vi os movimentos de 9) Reforma e Contra-Reforma, influído sobre a Educação. Os jesuítas, apóstolos por excelência, dedicando-se, inteiramente, ao serviço de Deus, procurando levar os homens pelo caminho da salvação. E vieram até nós, até este 10) Brasil selvagem, dando-se inteiramente ao serviço de catequese e educação.

11) Vi Bacon, Descartes, Comenius, com seus métodos realistas, os dois primeiros estudando e observando, o último, aplicando o método.

Vi as primeiras tentativas de 12) educação feminina, com Mme. de Maintenon e sua Escola de Saint-Cyr.

Depois... as idéias de liberdade, a 13) Revolução Francesa, com Rousseau e Voltaire à frente desse movimento; o 1.º com uma educação naturalista: "Da completa liberdade à criança"; o 2.º, racionalista.

14) Observei Comte, Spencer, Freud: o positivismo, o evolucionismo, a psicologia aplicada à educação.

Vi 15) Pestalozzi e sua pedagogia social; vi 16) Froebel, o fundador do "Jardim de Infância".

Reparei o sentimento exagerado e errado de amor à Pátria, despertado por 17) Fichte, o nacionalismo que repercutiu no sistema pedagógico, bem como a 18) exaltação da sociedade, que se opunha ao 19) individualismo e que fez surgir um sistema pedagógico socialista.

No século XX, encontrei uma 20) renovação de Naturalismo, volta às idéias rosscautianas por parte de muitos pensadores. (Principal: Helena Key com seu revolucionário livro: o "século da criança").

Atualmente encontramos um verdadeiro 21) ecletismo educacional: idéias totalitárias, idéias democráticas...

Vi assim que 22) a Educação está inteiramente ligada à Filosofia, ou melhor, depende dela, pois da concepção do homem e da vida depende a maneira de orientá-lo.

De todo esse contato que tive com as diversas
Concluí na pág. 73

O último artigo publicado na *Revista do Ensino/RS*, vinculado à história da educação, é sobre o Padre Anchieta (março 1963), de Maria Aparecida Grendene, que se apoia em ampla bibliografia da área da História do Brasil²⁵, editada nos anos 1930 e 1940. Objetiva subsidiar a professora primária sobre o papel da Companhia de Jesus e, especialmente, da ação do Padre Anchieta no processo de evangelização e catequese no século XVI, uma das unidades do ensino de História do Brasil do curso primário, que a revista complementa com um suplemento didático/quadro mural²⁶.

CONCLUINDO

Os artigos publicados na *Revista do Ensino/RS* são dispositivos discursivos que permitem apreender o universo da História da Educação tal como foi concebido e ensinado; são um referente concreto das formas de circulação e apropriação dos discursos hegemônicos, que se associam às prescrições curriculares e são protagonistas das mudanças culturais. Reproduzem os tópicos do programa e dos manuais da disciplina, as provas, com uma visão linear e cronológica, parâmetros consagrados pela historiografia da história política, com forte tendência a uma perspectiva progressista e romântica da história da educação. Caracterizam-se por uma visão eurocêntrica, abordando a antiguidade clássica, período medieval, renascença e tempos modernos.

O conteúdo privilegiado reside nas ideias pedagógicas, com ênfase em eventos, autores e marcos temporais consagrados pela historiografia, como já assinalado em outros estudos (Nunes, 1996, 2003; Kreutz, 1996; Silva, Gondra, 2011), o que limita uma perspectiva historicizante do processo sócio-educacional e pedagógico. Dilthey (1942, p.18) assinalava, já no século XIX, a importância de uma história da pedagogia que privilegiasse temas como: “la historia de la situación de la enseñanza em el sistema administrativo; la historia de la organización de las escuelas; la historia del contenido y métodos de la instrucción bajo las influencias directivas de las ideas y teorías pedagógicas”. A dimensão cronológica e linear, apoiada nos grandes pensadores e suas ideias, atravessa os séculos e ainda se faz presente em manuais e programas da disciplina, com o objetivo de tirar do passado lições para o presente.

Uma perspectiva de pesquisa, que sinaliza esse estudo, é a análise de outros periódicos de educação e ensino que divulguem textos/artigos vinculados à disciplina, assim como exemplares

²⁵ Afonso Guerreiro Lima. *Noções de História do Brasil* (10ª ed., 1942); Rocha Pombo. *História do Brasil* (1947; 7ª ed. 1956); Pedro Calmon. *História da Civilização Brasileira* (5ª ed., 1945); Carolina Rennó Oliveira. *Biografias de Personalidades Célebres* (1961); Quirício Caxa. *Vida e morte do padre José de Anchieta* (s/d).

²⁶ Sobre, ver BASTOS, BUSNELLO, LEMOS (2007).

de provas/exames dos cursos de formação de professores, da Escola Normal à Faculdade de Pedagogia²⁷. Isso permite analisar a circulação de textos produzidos por professores e/ou alunos e dos manuais de apoio da disciplina e sua apropriação em outros suportes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alberto Filipe. Da História das Ideias Pedagógicas à Mitanálise das Ideias Educativas. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga/Portugal, 2001. 14 (2), pp.207-225.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *O Novo e o Nacional em Revista: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)*. São Paulo: FEUSP, 1994. Tese de Doutorado.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul: o novo e o nacional em revista (1939-1942)*. Pelotas/RS: Editora Seiva, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *As revistas pedagógicas e a atualização do professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)*. In: CATANI, Denice; BASTOS, M.H.C. (Org.). *Educação em Revista. A Imprensa periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. P. 47 a 76.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *Imprensa pedagógica rio-grandense: CACIQUE - a revista da garotada gaúcha (1954-1963)*. Educação. PUC/RS Porto Alegre, v. XVII, n. 27, p.85-100, 1994.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *A Edificação Modélica do professor cidadão: a imprensa (in)formando um discurso sobre ser docente. Veritas*. Porto Alegre, v.43, p.159-163, dez. 1998.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *Divertir, educar e formar: Cacique - a revista da garotada gaúcha (1954-1963)*. Revista Educação e Cidadania. Campinas/SP, v. 5, p. 49-62, 2006.
- BASTOS, Maria Helena Camara; ERMEL, Tatiane de Freitas. *O Patrono dos professores do Rio Grande do Sul: Jean Baptiste de La Salle e Leonel de Moura Brizola (1958-2006)*. 12º ENCONTRO SUL RIO GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO/ASPHE. UNIFRA/Santa Maria-RS, ago/set. 2006. CdRom. 15 p.
- BASTOS, Maria Helena Camara; LEMOS, Elizandra Ambrósio; BUSNELLO, Fernanda Bastani. *Pedagogia da Ilustração. Uma face do impresso*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (Org.). *Culturas Escolares, saberes e práticas educativas. Itinerários históricos*. São Paulo: Cortez editora, 2007. p. 41-78.
- BASTOS, Maria Helena Camara. *Pedagogias e manuais: lecturas cruzadas is manuais de história da educação adotados no Brazil (1870-1950)* In: BESTANI, Rosa; BRUNETTI, Paulina. (Comp.) *Textos, Autores y Bibliotecas*. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba. Biblioteca Mayor, 2011. p. 493-512
- BASTOS, Maria Helena Camara; MOGARRO, Maria João. *Manuais de História da Educação em Portugal e Brasil (segunda metade do século XIX - primeira metade do século XX)*. In: ARAÚJO, Marta Maria de. (Org.). *História(s) Comparada(S) da Educação*. 1ed.Brasília: Liber, 2009, v. 1, p. 241-283.
- BUSNELLO, Fernanda de Bastiani. *Higiene Mental na Revista do Ensino/RS: um olhar para a psique infantil*. In: XVI Salão de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, Porto Alegre. *Anais do XVI Salão de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, 2004. p. 739-739.
- CARVALHO, Marta Chagas de. *Considerações sobre o ensino da história da educação no Brasil*. In: D. Gatti Júnior & G. Inácio Filho (orgs). *História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações* (pp. 33-45). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.
- CAVALCANTI, Maria Juraci. *O ensino de História da Educação: da tradição dos manuais aos recortes temáticos, temporais e espaciais sob novos protagonismos*. In: FREITAS, Anamaria Gonçalves de; NASCIMENTO, Ester do; (Orgs). *O Ensino e a Pesquisa em História da Educação*. Maceió: Edufal, 2011. p.185-215
- DOSSE, François. *Le Pari Biographique. Écrire une vie*. Paris: La Découverte, 2005.
- GATTI Jr., Décio; PINTASSILGO, Joaquim (Org). *Percursos e Desafios da pesquisa e do Ensino de História da educação*. Uberlândia: EditoraUFU, 2006.
- GATTI Jr., Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional*. Uberlândia, EDUFU, 2009. 250 p.
- GUIMARÃES, Rosângela M.C.; GATTI Jr., Décio. *A Institucionalização da disciplina História da Educação na Escola Normal mineira na primeira metade do século xx*. Educação/PUCRS. V.35, n.1, p. 54-65, jan/abr.2012.
- KREUTZ, Lucio. *Como ensinamos História da Educação? Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul - UNISC, v. 4, n.1 e 2, p. 43-51, 1996.

²⁷ Interessante é a palestra de Waldemar Tavares Paes, proferida na Escola Normal de Belo Horizonte, intitulada “Porque se ensina História da Civilização no Curso Normal”, publicada Na Revista do Ensino/MG, em junho de 1930. (PAES, 2012, p. 327-338).

- JUSTO, Irmão Henrique F.S.C. *Um luminar da pedagogia*: São João Batista La Salle: Padroeiro especial dos professores. Canoas/RS: Editora La Salle, 1951.
- LAFIN, Silvio Henrique Filippozzi. Marina Silvia Filippozzi Lafin: uma educadora pioneira e criativa à frente no seu tempo. In: ABRAHÃO, Maria Helena M.B. (Org.). *Identidade e vida de educadores riograndenses*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. P.169-173.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Sagrada Missão Pedagógica*. 2003.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Perspectivas históricas da educação*. São Paulo: Ática, 1986.
- LEMOS, Elizandra Ambrósio ; BASTOS, M. H. C.. Emilio Mira Y López falando sobre psicopedagogia na Revista do Ensino/RS (1951-1978). In: XI Encontro de Pesquisadores Sul-Rio-Grandenses de História da Educação/ASPHE, 2005, São Leopoldo. *História da Educação na formação do educador e a contribuição dos 10 anos da ASPHE*. Pelotas: Seiva Publicações/FAPERGS, 2005. v. 1. p. 1-15.
- MEURER, Paula Andréia. Fundamentos de Educação e História da Psicologia na Revista do Ensino/RS. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre: Fapergs, 1996.
- MOGARRO, Maria João. A História da Educação nos Currículos de formação de professores: consolidar a História da Educação, pela construção de identidades. IN: PINTASSILGO, Joaquim et alii. *A História da Educação em Portugal. Balanço e perspectivas*. Porto: Asa, 2007, pp. 203-227.
- MONARCHA, Carlos (Org.) *História da Educação Brasileira*. Formação do campo. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- MOREIRA, Maria Eunice. O Arquipélago cultural brasileiro: a interpretação de Vianna Moog. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.46, n.4, p.83-88, out/dez.2011.
- NÓVOA, António. *História da Educação*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação / Universidade de Lisboa, 1994.
- NÓVOA, António. História da Educação: percursos de uma disciplina. *Análise Psicológica*, n.º 4 (XIV), 1996, pp. 417-434.
- NUNES, Clarice. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.6, jul/dez.2003. p.115-158.
- NUNES, Clarice. Ensino e historiografia da educação. Problematização de uma hipótese. *Revista Brasileira de Educação*. ANPEd, jan/fev/mar/abr. 1996, n.º 1, pp. 67-79.
- NUNES, Clarice. A Instrução Pública e a primeira história sistematizada da Educação Brasileira. *Cadernos de pesquisa*. FCC/São Paulo, n.93, p.51-59, maio 1995.
- PAES, Waldemar Tavares. Porque se ensina História da Civilização no Curso Normal. *Cadernos de História da Educação*, v.1, n.1, p. 327-338.
- PERES, Eliane Teresinha. Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir - A escola como oficina da vida. Discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959). 2000. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- QUADROS, Claudemir de. Reforma, ciência e profissionalização da educação: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SANTOS, Maria Teresa. Perfil da História da Educação: conflito entre o empobrecimento efectivo e o potencial objectivo. In PINTASSILGO, Joaquim et alii. *A História da Educação em Portugal. Balanço e perspectivas*. Porto: Asa, 2007. p. 229-252.
- SILVA, José Cláudio; GONDRA, José Gonçalves. Textbooks in the History of Education: notas para pensar as narrativas de Paul Monroe, Stephen Duggan e Afrânio Peixoto. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais*. Brasília. V. 92, n. 232, p. 702-722, set/dez. 2011.
- VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA Fº, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol.23, n.º45, 2003.
- VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. Da palmatória à lanterna mágica: a Escola Normal da Província do Rio de Janeiro entre artesanato e a formação profissional (1868-1876). 2000. f. 291p + anexos Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.